

**Memória selvagem de futuros possíveis e desejados: Maria Gabriela  
Llansol e o texto dos tempos**

**Wild memory of desired and possible futures: Maria Gabriela  
Llansol and the text of times**

Pedro Henrique Paixão<sup>6</sup>  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**0.**

Escritores e escreventes têm em comum a palavra, declara Roland Barthes (2007) em um dos capítulos de *Crítica e Verdade*. Contudo, segundo o crítico, “o escritor realiza uma função (concebe a literatura como fim), o escrevente uma atividade”: [...] A produção do escrevente tem sempre um caráter livre. [...] Situada à margem das instituições e das transações [...] (BARTHES, 2007, p.32-37).

Nesse sentido, Maria Gabriela Llansol e seu trabalho alheio às coisas civis também se situam à margem, junto dos escreventes. Afinal, a escrita operada por seu texto é pautada pela filosofia errante do gesto, em contraposição à finalidade de um ato. Portanto, pensar não se define por atos, mas por gestos. Aqui, o pensamento se dá como forma de vida, e não como profissão (função – fim). A respeito dessa distinção entre escritores e escreventes, em uma entrevista concedida em fevereiro de 1997, Llansol (2011) diz: “Escritor é uma palavra que pode abranger imensas realidades, porque há imensas realidades escriturais e há imensos tipos de pessoas e de seres humanos que são suportes de escrita. Por isso, eu até preferia não ser ‘escritor’, mas ser aquele que consigna um texto à sua experiência, para que ela fique sobre esta Terra e possa ser ligada à experiência de outros.” (LLANSOL, 2011a, p. 66).

Numa outra modulação desse mesmo pensamento, em um de seus diários, lemos: “[...] eu não fui talhada para fazer livros, mas para dar a entender por escrito o que foi uma experiência [...]” (LLANSOL, 2011b, p.89). Declara-se, então, morte ao livro e avança-se com a vida em movimento do texto, uma “forma formante” que não cessa de se “remodular”, eis a metamorfose de um corpo vivo. O texto da escrevente portuguesa não se pauta em desenvolvimentos temáticos, nem apresenta enredo, mas segue um fio

---

<sup>6</sup> Mestre em Memória Social pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Email: pedropaixao.rj@gmail.com - Rio de Janeiro (RJ) – Brasil.

que liga as diferentes “cenas fulgor”, isto é, os instantes plenos em que as imagens que não são imagens, que emanam da própria imanência das coisas, “vêm procurar em nós [...] a vibração pelo vivo e pelo novo” (LLANSOL, 2000, p.33). Este é um pensamento da dispersão e não da ordem e da conformação. É uma manifestação absoluta do desejo, de toda força selvagem e incivilizada (distante do mundo meramente social e do humano consumidor de poder), ou seja, de tudo aquilo que não suporta a opressão das leis. Mais do que um desejo de escrever, um desejo de ler, ou seja, de escrever novas leituras, de remontar o tempo e a história. Porque “a experiência da literatura é ela mesma experimento de dispersão, é a aproximação do que escapa à unidade, experiência do que é sem entendimento, sem acordo, sem direito - o erro e o fora, o inacessível e o irregular” (BLANCHOT, 2005, p. 300).

Não é incomum que leitores pouco íntimos ao universo de Llansol, isto é, em processo de maturação da legência (algo que nunca se constitui), tenham por vezes a impressão de estarem lendo o mesmo texto, ainda que transitem por títulos diferentes. Mas isso é justificável e trata-se efetivamente de um projeto de escrita com o texto, que lhe confere como já mencionado novos contornos e modulações, o que interessa aqui é o pensamento por dentro da forma, o movimento. Em *Inquérito às Quatro Confidências*, outro dos muitos diários de legência e de experiência com o mundo de Maria Gabriela Llansol (2011), lemos em um fragmento de 1996: “O texto que ando a escrever vai para trinta e cinco anos, começou por ser pequenas narrativas de estranheza e identificou-se, em seguida, com a sequência das cenas fulgor do ‘entresser’. Quis agora olhá-lo do ponto de vista do luar libidinal” (LLANSOL, 2011c, p.153).

Entretanto, há quem aponte uma incoerência entre o gesto de declarar morte ao livro, mas vida ao texto e um projeto que se afirma a partir da concepção de livros, ou mesmo de apenas “começos preciosos” para estes; e cujo texto inaugural desses gestos singulares traz o livro já no título, trata-se de *O Livro das Comunidades*, de 1977. Porém também há argumentos para isso, pois aqui o livro não é pensado como uma realidade estanque, mas como uma virtualidade sempre aberta lançada a todos os recomeços, aspecto que revela muitas afinidades com as teorias da memória de Henri Bergson (1999), por exemplo. Nesse projeto, livro é o equivalente de mundo, “mundo imaginalis”, ou “lugar imaginante”.

Em entrevista com António Guerreiro, ao *Jornal Expresso*, em seis de abril de 1991, Llansol trata dessa questão, ao dizer: “Não sei se é o mesmo Livro, direi antes que é o mesmo espaço evoluindo e abrindo-se e fechando-se e abrindo-se e fechando-se

porque só isso me parece verdadeiramente real. Se eu fizesse livros estanques, teria a impressão de que no livro seguinte estaria a recomeçar a realidade. Ora, eu vivo há já bastantes anos e a realidade para mim é algo de extremamente contínuo, momentos saindo de outros, e só de uma maneira artificial é que poderia cortá-la, porque de fato ela existe, não como encadeamento de causas e efeitos, mas em correspondências, em evolução e oscilação permanente. O passado desfaz-se continuamente no poder pujante do futuro. [...] Quando chamo a este livro “O Livro das Comunidades”, não me estou a referir a um livro concreto. É um livro que, digamos, é o correspondente do mundo.” (LLANSOL, 2011a, p. 14-15).

### **1. O texto dos tempos**

No salto entre as datas sem sítio de *Inquérito às Quatro Confidências*, lemos: “Tudo é fragmento; tudo está datado; nada segue uma ordem cronológica. Muitas vezes é preciso esperar pelo passado para compreender o futuro. Outras vezes, não. Que o tempo não conduz. Que o fio condutor está na lógica dos encontros. As figuras do texto, que já vêm de muito longe, não prosseguem um enigma, mas vivem um drama: dedicam-se a experimentar vivências afectivo-mentais consequentes. [...] Eu poderia escrever sobre os problemas do tempo em que vivemos, mas só poderia falar deles a partir do meu, do meu tempo, des-datando, que é o modo como escovo o fato dessas imagens.” (LLANSOL, 2011, p.23-25).

Diante disso, questiono: é possível um lugar do tempo em que se possa situar um texto habitado por figuras, como por exemplo, Camões, Fernando Pessoa, Spinoza, Hölderlin, Nietzsche, Ana de Peñalosa, Bach, “Maria Gabriela Llansol” (esta que também se lança como figura mutante de seu texto) e tantas outras?

A escrevente convoca essas figuras para habitar um tempo absoluto, conjugado no presente da escrita e da leitura, que se fundamenta nas noções de “tempo-agora” (*Jetztzeit*) e de “atualidade”, com as quais se articula, por exemplo, o pensamento de Walter Benjamin. Resultado de uma experiência de escrita que não vem depois do vivido, mas nasce junto com este. Há aqui a ideia de uma “temporalidade múltipla”, de “tempos que se sobrepõe”, em que se acolhe a simultaneidade em detrimento da hierarquia, simultaneidade temporal que não se dá na temporalidade da história, mas na temporalidade dos afetos das figuras do texto, bem como no seu pensamento e no rasto de fulgor deixado por elas. Na casa de acolhimento e combate que é esse texto, temos planos polifônicos, isto é, há uma contaminação de falas, que irrompem nas múltiplas

vozes de Llansol. Temos, portanto, o que é possível chamar de “escrita palimpséstica”, pois seus textos se configuram através de uma gênese complexa e não linear. Como exemplo dessa singularidade, destaco o seguinte fragmento de seu *O Livro das Comunidades*, em que diz: “Leio um texto e vou o cobrindo com o meu próprio texto que esboço no alto da página, mas que projecta a sua sombra escrita sobre toda a mancha do livro. Esta sobreposição textual tem por fonte os olhos, parece-me que um fino pano flutua entre os olhos e a mão e acaba cobrindo como uma rede, uma nuvem, o já escrito. O meu texto é completamente transparente e percebo a topografia das primeiras palavras. Concentro-me em São João da Cruz quando o texto fala em Friedrich N.” (LLANSOL, 1977, p.57).

Trata-se do que Llansol denomina de “filosofia de seda”, o fino pano que se estende entre os olhos e a mão, que deita sobre o já escrito e dá a ver a topografia das primeiras palavras, estas que regressam sem cessar, num “eterno retorno do mútuo”. Aqui, “as palavras são, como tudo, formas impulsivas, que guardam os extratos do tempo e dos acontecimentos, num ficheiro integralmente caótico” (LLANSOL, 2011d, p.124). A escrita de Llansol deriva de uma reflexão imensa, do desprendimento obtido de contrastes e, sobretudo, da concentração no presente, “em que todos os tempos imagináveis já estão a desenrolar-se para sempre. Este estado é o momento ideal para escrever” (LLANSOL, 2011b, p.14).

Llansol não se deixa “domesticar pelas imagens de saber que correm pela história”. Assim, não se pode falar aqui de uma história cumulativa e irrepitível, “como cadeia objetiva de superação de eras”, subordinada à hierarquia “teo-teleo-lógica” das eras. Em *Um falcão no punho*, o texto nos diz: “eu creio que Portugal é um território de viagem, estrelado ou com a configuração das estrelas pelos itinerários dos portugueses, fugitivos, judeus, comerciantes, emigrantes, ou navegadores; tal é a árvore genealógica desenhada à margem da literatura portuguesa” (LLANSOL, 1985, p.10).

Estamos falando de uma comunidade transversal ao tempo, este entendido como uma medida rítmica/musical do pensamento, e do devir plural e não cumulativo. A escrevente propõe um jogo deliberado com o arquivo. “Como ser civil conheço o presente, o passado, e o futuro. Mas como escritor tenho um olhar que toca sobretudo o espaço, livre de tempo. Nele não há poder, que é sempre o poder de escolher e de chegar à morte” (LLANSOL, 1985, p. 142.), lemos em “O devir como simultaneidade”, fragmento do diário *Um falcão no punho*.

Em uma análise da simultaneidade dos tempos do texto de Llansol, ao observar certas tendências em diferentes períodos de sua produção, o crítico e tradutor João Barrento (2014) aponta que eles irão se desenvolver sob três modos determinantes, mas não estanques. Desse modo, ele propõe: Se o tempo desse texto não é o cronológico nem o sequencial, qual é então o seu “tempo próprio”, aquele ou aqueles que melhor se ajustam a esta forma de escrita (ou vice-versa)? Sugeri já que se trata de formas particulares de memória, vindas, não do passado, mas de futuros, espaços de tempo virtuais, móveis, num presente que é passado e futuro, à semelhança do lugar absoluto do presente no Livro 11 das *Confissões de Santo Agostinho*, onde se reduz o tempo a uma ontologia do agora, ou “presente grávido”, como também acontece na filosofia da esperança de Ernst Bloch. [...] No início, esse espaço-tempo do reverso da História recebe o nome de *Restante Vida* (a esfera, ou o tempo, do cumprimento das promessas não cumpridas da história humana); a meio da vida e da Obra nasce o *espaço-tempo meta-histórico do Espaço edénico* (meta-histórico mas não metafísico, já que corresponde à visão de um tempo de plena realização do “dom poético”, que emana da própria imanência das coisas, e não de nenhum tempo mítico); na última fase, a escrita transcende o quotidiano e transcende-se, na tentativa de captar o murmúrio do Ser e entrar no tempo do *Há*. [...] O tempo do texto é um tempo sem coordenadas (passado, presente e futuro, antes e depois), mas com um vector futurante. (BARRENTO, 2014, p.16-19).

Maria Gabriela Llansol escreve, portanto, “com o seu corpo de tempo”, corpo que absorve todos os tempos e transmuta-os em escrita. Seu texto é composto de formas de temporalidade não cronológicas, mas livres e abertas, “uma espécie de memória selvagem de futuros possíveis e desejados”. Conforme aponta Barrento, não há coordenadas, mas há um vetor futurante. E “o futuro que o texto procura e oferece mais não é, provavelmente, do que qualquer coisa como a infância do mundo” (BARRENTO, 201, p.19).

Llansol propõe com seu trabalho um gesto de “retorno pela escrita à infância que nos fez, aos mundos não lineares que nos alimentam, ao corpo, às relações” (LLANSOL, 2010, s/r). Desse modo, a infância pode ser pensada como um futuro anterior do homem e a sua verdadeira pátria. Um pensamento que permanece vivo e movente, um projeto de leitura do mundo que se dá pelas margens, nos limiares da língua, e que continua em aberto. Portanto, nos incita a tomá-lo como corpo político para subverter as instituições do poder e para reelaborar a história. Discutiremos adiante

a análise da “sobreimpressão” dos tempos no texto de Llansol, a partir de um gesto de retorno à memória selvagem, à infância (como projeção animal do homem), a uma paisagem livre da presença humana como centro, em que o texto, tal a natureza, é a casa comum em que acontece o “dom de troca com o vivo da espécie terrestre”. Passemos, então, à discussão de cada uma das tendências destacadas por João Barrento.

## I. A restante vida

Assim como as crianças “se sentem irresistivelmente atraídas pelo resíduo”, conforme nos aponta Benjamin, em uma de suas imagens do pensamento, o texto de Llansol também se desenvolve na perspectiva da ativação dos restos que derivam do que se pode chamar de “canteiro de obras” da história. Na brincadeira (no jogo) com os resíduos da construção, da jardinagem, das atividades domésticas, as crianças “não imitam as obras dos adultos” (BENJAMIN, 1987, p. 18-19). De modo equivalente, os gestos de Llansol (2011) não imitam o tempo humano e a história, mas os subvertem. Talham as coisas habitualmente reunidas e conectam as coisas habitualmente separadas, o essencial é criar abalo e movimento. “Escrever não é procurar conformidades, mas consignar um impacto, desde que a vontade não desfaleça – e crie” (LLANSOL, 2011c, p 130). Assim, em *Finita*, diário do “des-datar” da escrevente, lemos: Há um resto que foi deixado e que, sob a forma do mútuo, se enuncia. Apesar de eu não saber bem o que nessa palavra se avizinha. [...] Como se o reverso da história me chegasse numa dobra, e eu o visse a entreabrir-se ligeiramente, e já as minhas mãos recebessem só nuvens. [...] Que nuvem continua transitando? Por que será que no horizonte da história se ouvem gemidos, o gotejar contínuo de ações inacabadas? (LLANSOL, 2011b, p.30-31).

Em 1983, durante os anos de seu exílio na Bélgica, Gabriela Llansol publica *A restante vida*, segundo volume da trilogia *Geografia de Rebeldes*, iniciada com “*O livro das comunidades*”. São João da Cruz, Nietzsche, Müntzer, Ana de Peñalosa e Eckhart são algumas das figuras – nesse caso, que historicamente existiram – que aparecem em sua comunidade transversal ao tempo, nesse seu projeto trans-histórico da história, e que também se manifestam em *A restante vida*. Entretanto, essas figuras históricas não são iguais ao que foram e também não se mantêm iguais no percurso da escrita, elas estão sempre em devir. Llansol nos diz: “Eu anuncio imagens que não são imagens, e ouvi-las ditas – que não por mim –, confere-lhes duração e intensidade. Meditava, pois, que não havia só seres com perfil histórico reconhecido, mas todos nós éramos os seres

apagados de um momento, e seres vibrantes de um outro. [...] Identifiquei progressivamente “nós construtivos” do texto a que chamo figuras e que, na realidade, não são necessariamente pessoas, mas módulos, contornos, delineamentos. [...] A figura nunca é um inerte, mas um princípio ativo, cuja harmônica e trajetória se esvaem se o impedirem de agir segundo o seu próprio princípio.” (LLANSOL, 2011d, p.120-122).

Aqui, como se vê, a figura não se vincula a um “eu” (a uma identidade fixa) e não tem morte, segue viva na metamorfose do texto. Já que o seu tempo histórico a fez morrer ou a ignorou, Llansol a recupera. O “sem eu” das figuras de seu texto se aproxima da ideia de “alguém”, também trabalhada pela escritora, e que podemos ler junto da noção de “qualquer”, de que fala Agamben (1993) em *A comunidade que vem*: “O ser que vem é o ser qualquer. Na enumeração escolástica dos transcendentais (*quodlibet ens est unum, verum, bonum seu perfectum*, seja qual for, o ente é uno, verdadeiro, bom ou perfeito), o termo que, permanecendo impensado em cada um, condiciona o significado de todos os outros é o adjetivo *quodlibet*. A tradução corrente, no sentido de “qualquer um, indiferentemente”, é certamente correta, mas, quanto à forma, diz exatamente o contrário do latim: *quodlibet ens* não é “o ser, qualquer ser”, mas “o ser que, seja como for, não é indiferente”; ele contém, desde logo, algo que remete para vontade (*libet*), o ser qual-quer estabelece uma relação original com o desejo.” (AGAMBEN, 1993, p. 11).

Desse modo, longe da identificação de um nome, de um perfil psicológico próprio, a figura é, acima de tudo, uma fonte de energia, mutável, com disponibilidade para mudar e membro de livre vontade. Portanto, pode afirmar-se no interior de uma comunidade.

No *Livro das comunidades*, Llansol (2014) assim escreve: “se eu me concentrar num fragmento do tempo/ não é hoje, nem amanhã/ mas se eu me concentrar num fragmento do tempo,/agora,/esse fragmento revelará todo o tempo”<sup>7</sup>. É nesse todo do tempo (o *Jetztzeit* de Benjamin), na “sobreimpressão” das paisagens que faz surgir o “Lugar imaginante” de seu texto (espaço único do mútuo), em que a escrevente acolhe as figuras históricas ou cotidianas retirando-as de seus territórios. Pois mais do que tirá-las de seu lugar, aquele ao qual se associam na história civil, Llansol retira toda a ideia de lugar (o território) em torno dessas figuras. Porque nesse texto não há territórios,

---

<sup>7</sup> LLANSOL. Maria Gabriela. *O livro das comunidades: Geografia de rebeldes I*. Porto: Afrontamento, 1977, p.67. Pensamento que deriva do rio do instante pleno de Eckhart, o rio de palavras do sermão 10 “*Stella matutina*”: “*Si je prends un fragment du temps, il n’est aujourd’hui ni hier. Mais si je prends ‘maintenant’, il contient en soi tout le temps*”. ECKHART. *Sermons*. Paris: Gallimard, 1987. p.22.

aquilo que os olhos do poder cobiçam, mas há paisagens, aquilo que o olhar livre vê: “O escrever acompanha a densidade da Restante Vida, da Outra Forma de Corpo, que, aqui, vos deixo qual é: a Paisagem. Escrever vislumbra, não presta para consignar. Escrever, como neste livro, leva fatalmente o Poder à perda de memória. E sabe-se lá o que é um Corpo Cem Memórias de Paisagem.” (LLANSOL, 2014, p. 9-10).

Assim, escrever é ampliar os mundos, ver com olhos livres. A escritora retira as figuras de onde elas são de fato vítimas da cobiça do olhar do poder, as traz para o seu texto e transforma o espaço em que esses corpos se movem em paisagens animadas, vivas, de energia. Temos figuras de escritores, de místicos, de rebeldes que não se resignaram e, portanto, não aceitaram “ver a sua vida amputada de vibração, de intensidade e amplitude”, sobretudo, não aceitaram que a espécie humana se fundasse “na posse de uns sobre os outros”. É nos restos fracassados dos marginalizados e excluídos da história que Llansol encontra a matéria da sua *Restante Vida* e propõe uma nova paisagem humana. Por suas palavras: “Não havendo memória de ser humano mais vale guardar em memória o resto, todos os restos, a restante vida” (LLANSOL *apud* BARRENTO, 2014, p.17). Nesse sentido, de encontro com a radicalidade estética e de pensamento e o campo de ação política no qual se articula a escrevente portuguesa (ainda que seja o do “inútil fazer”), cabe a seguinte proposição do crítico de arte e cultura Raúl Antelo (2001): [...] ler uma literatura à margem da história nos apresenta a história efetiva e própria como história alternativa ou oblíqua, donde o absoluto infinito da transgressão e o gasto não-funcional da significação nos expõem constantemente da série. Não se trata de avaliar o obtuso de acordo com normas paradigmáticas, mas de encontrar com ele uma saída ao binarismo. (ANTELO, 2001, p. 31).

Afinal, “o novo sentido, o sentido de toda construção, é, portanto, o processo da desidentificação simbólica, uma singular busca contra-hegemônica entre materiais abandonados” (ANTELO, 2009, p. 44). Nessa busca contra-hegemônica entre restos, o projeto de “vida escrita” de Llansol irrompe como uma alternativa, isto é, como uma nova perspectiva diante da história dos vencedores, em que o saber não é feito para apaziguar ou conformar, mas para cortar, para destruir a ordem vigente.

## **II. O espaço edênico: o tempo do instante**

O período que revela a “restante vida”, momento de cumprir as promessas não cumpridas da história, inicia-se a partir de três livros: o livro das mutações (*O Livro das*



*Comunidades* – 1977); o livro da batalha perdida (*A Restante Vida* – 1983) e o livro das relações (*Na Casa de Julho e Agosto* – 1984), que compõem a *Geografia de Rebeldes*, primeira trilogia de Llansol.

Como já foi dito antes, a matéria genealógica do texto dessa escrevente é diversa e dispersa, isto é, contempla entes e seres de diferentes culturas. Viajantes, místicos e eremitas são, por exemplo, figuras muito caras à Llansol, especialmente porque anulam a ideia de pertença a um lugar, transitam às margens dos territórios do poder e da lei, e ao se lançarem ao desejo e ao movimento (condições originalmente humanas), propõem novas paisagens. É desse pensamento que surge sua primeira trilogia, a ontologia de seres (entes) que se ligam à substância da paisagem, um espaço natural, livre e imaginante. Figuras fora da lei que dão relevo ao que há de indomável no pensamento, na linguagem e no humano. Trata-se do “*mundus imaginalis*” de Llansol, uma região intermediária entre o ser e as ideias visuais (imagens), em que se ativa sua memória criativa (a única que lhe interessa) e em que “o comum consiste na infinita coexistência dos seres em um espaço sem limites”. Temos aqui uma “signografia-sobre-o mundo”, em que a “nossa biografia se cruza (e tantas vezes se confunde) com a geografia dos mundos” (LLANSOL, 2011c, p.128), uma vastidão que a palavra não comporta.

Nesse caso, percebemos uma sutil transição na qual o espaço se sobrepõe ao tempo, e as batalhas da história vão cedendo lugar ao repouso na vida cotidiana (repouso que não quer dizer inércia do pensamento), à relação profunda com os objetos da casa, à plena realização do “dom poético”. Passamos ao “espaço meta-histórico do espaço edênico”. A respeito desse conceito, em entrevista de janeiro de 1995, concedida ao jornal *Público*, Llansol esclarece que: “O lugar imaginante dos meus textos é o espaço edênico. Até hoje não encontrei termo mais adequado, apesar de, ao chamá-lo assim, me ver obrigada a desconstruir uma tradição religiosa. [...] um espaço edênico que não esteja na origem do universo, como diz o mito; que seja criado no meio da coisa, como um duplo feito de novo e de desordem; que sempre existiu e não só no princípio dos tempos; que está correndo o risco de desaparecer aqui e a novidade de aparecer, além, incógnito e irreconhecível; que não é fixo, como sugere a tradição, mas elaborável segundo o desejo criador do homem [...]. É um espaço que vive confrontado, como o texto mostra, com o poder e com as imagens que vem do horizonte; em termos psicológicos, esse espaço vive confrontado com a opressão política e/ou a obrigatoriedade de viver identificado com status sociais, e com a depressão.” (LLANSOL, 2011a, p.22).

É possível observar em *Um beijo dado mais tarde* (1990), livro que está claramente inserido nessa articulação, o “tempo-instante do corpo”, a “ordem figurar” do cotidiano, em que se confrontam todas as geometrias das quais o pensamento pode irromper, a partir de diálogos profundos com as coisas, desde as mais insignificantes, os chamados seres não-humanos, “avançando progressivamente para uma prática de vida assente na atenção e na responsabilidade (no sentido da busca de uma ética dialógica)” (BARRENTO, 2014, p.27), o que conduz o texto à revelação de novas dimensões do estético. Assim, transcrevo a seguir três fragmentos do referido livro que bem dão a ver esses aspectos do texto: “[...] coisa é o rosto do quieto, rosto de mesa, de salvas de prata, de corredor, de salas com reserva. Vou por um caminho longe dali, e sinto-me retida pelo nó do verbo onde os rostos tão próximos uns dos outros, são o horizonte da palavra fechada; meu olhar não se levanta para o contorno do inerte. Se o lençol de linho mais branco foi contaminado pelo ponto em que caiu, que hei de ler no que escrevi? Concluo que o desprendimento é necessário à órbita da palavra, e que tais objectos estão cobertos pelo desejo da poeira.” (LLANSOL, 2013, p.16) Amor e irmã: ando fascinada com objectos, pequenas e grandes coisas azuis, situações cenas, que caem do fundo da minha voz, banham-se nela, e saem vestidos, suplicando esplendor. (LLANSOL, 2013, p.57) O extremo conflui agora num enorme espaço debruado pelo tempo, e o que estou vendo, com som de prazer, e descendo por muitas gargantas, habita na fluidez e instante da casa morta à Nuvem Pairando; lugar que é uma face do tempo, e onde é impossível dar forma compacta enfim subindo à matéria narrativa de um livro; balouço sobre vários telhados, e desço por um eixo que me causa vertigens; pois nada se vê ainda do tempo circunciso que eu esperava[...]. (LLANSOL, 2013, p. 67)

Esses registros de textualidade claramente reafirmam essa ética do diálogo com todas as coisas, o infinitamente possível da leitura e, sobretudo, que essa escrita não configura equações simples, pois converge o divergente, sendo “impossível dar forma compacta”. Afinal, “uma ficção não pode ser simples, é o encontro inesperado do diverso” (LLANSOL, 1984, p.18). Logo, cabe a nós o “esforço ininterrupto de ler”. Sobre a articulação dessa tendência, João Barrento aponta que: “Quando o instante deixa de ser mensurável pelo instante seguinte, torna-se autónomo, intenso e não extenso – saímos do tempo da História e entramos no do quotidiano, o tempo das pequenas grandes experiências que se amplificam, tal como a escrita e a leitura que seguem essa dimensão imanente e espessa do tempo amplificam o mundo. O tempo torna-se então denso como um átomo, breve como um ponto, amplo como uma vida

inteira ou como o universo. Como quando se diz: “É de manhã” ou “Vai chover”. Como quando, simplesmente, se olha. Em *O começo de um livro é precioso* há um apelo direto a este modo de vivência do tempo. Assim lemos: “Sê contrária à insensibilidade. Vê. [...] / Se for tempo o que / entre vós nascer, esse instante não / tem medida no presente seguinte” (CLP, 336). [...] O texto insere-se numa nova geração de figuras anónimas, porque os nomes, antes reconhecíveis e oriundos do tempo da História e as figuras, que antes eram figuras-em-devir, são agora vozes-acontecimento, manifestações do carbono vivo que por isso rejeitam, quer a tentação teológica do indizível, quer a memória. É clara a oposição entre ser e lembrar-se, e por isso a escrita se transforma numa “signografia do espaço” que “é incontestavelmente maior do que o tempo” (p. 52) – o tempo humano em geral, cheio de armadilhas e cúmplice dos poderes, e o “pátio da Lembrança”, da memória individual, empecilho à afirmação de si na imanência do presente. (BARRENTO, 2014, p.25-27).

### III. O Há

Como observamos até aqui, no texto de Llansol há uma comunicação universal entre todos os seres, humanos e não humanos e a possibilidade do reconhecimento dessa comunicação, em que “tudo comunica por sinais, por regularidades afetivas, por encanto amoroso, por perigo de anulação” (BARRENTO, 2014, p.17). Há equivalência ontológica entre os entes (figuras) que habitam as páginas desse texto. Em *Um falcão no punho*, lemos: “uma pessoa que historicamente existiu pode ser uma figura, ao mesmo título que uma frase (‘este é o jardim que o pensamento permite’), um animal ou uma quimera” (LLANSOL, 2011d, p.121). Esta seria a modulação mais extrema do seu percurso que rompe absolutamente com identidades fixas para chegar ao “Há”, a uma total desidentificação simbólica.

Heidegger apresenta uma reflexão em torno do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências. Com isso, opõe-se à tradição metafísica que, em sua orientação teológica, teria transformado o ser em geral num mero ente com atributos divinos. Contudo, o professor Jorge Leandro Rosa, ao questionar se é possível que o “eu” sobreviva na intersecção entre a desapropriação do sujeito e a inscrição de um nome na “comunidade”, conclui que as propostas de Heidegger são insuficientes neste aspecto, como suporte teórico. Afinal, o que se discute agora está para além da distinção entre ser e ente. É nas ideias de Emmanuel

Lévinas que encontramos uma radicalização desta distinção que nos seja útil: Lévinas descreve a possibilidade de uma existência sem que “alguém” exista; o “há” equivalente a “chove”: “Imaginemos o retorno ao nada de todas as coisas, seres e pessoas. Encontraremos o puro nada? O que fica após esta destruição imaginária de todas as coisas é, não qualquer coisa, mas o facto de haver. A ausência de todas as coisas regressa como uma presença: como o lugar onde tudo foi aniquilado, como uma densidade atmosférica, como uma plenitude do vazio ou como o murmúrio do silêncio. Após esta destruição dos seres e das coisas, há o ‘campo de forças’ do existir, impessoal. Algo que não é nem sujeito, nem substantivo. O facto de existir que se impõe quando não há mais nada. E é anónimo: não há nada nem ninguém que tome esta existência para si. É impessoal como o ‘chove’ ou ‘faz calor’. Existir que regressa, qualquer que seja a negação com a qual o afastamos, como se se tratasse da irremissibilidade do puro existir”. (LÉVINAS. *Apud* ROSA, s/r).

Ou seja, um rumor anónimo e insignificativo do Ser, uma ação de ser (ou melhor, um gesto) e não um ser que é. Lemos em um fragmento de *Inquérito às Quatro Confidências*: “eu não sou nada, vivo perfeitamente no nada\_\_\_\_\_ só que, à minha volta, é tudo há” (LLANSOL, 2011c, p.108). Sobre esse conceito, Llansol (2011) diz que: “Foi um pré-socrático, Parmênides, que introduziu, digamos, essa noção do ‘há’ em oposição à noção de movimento. Digamos, o ‘há’ é a certeza inabalável de que há um núcleo que nunca será destruído e que tem a sua existência nele próprio. Eu penso que a energia de certos autores, ou de certos seres humanos, de certos viventes, se funda precisamente nessa existência, nessa força, nessa pujança que lhes assiste sempre com a convicção de que ela nunca se romperá e nunca atingirá o fim. É uma espécie de bala granítica.” (LLANSOL, 2011a, p. 62.)

Uma vez que recorremos ao poema “Da Natureza”, atribuído ao pré-socrático, comprovamos a presença dessa força de núcleo indestrutível e sem fim, conforme mostram os versos seguintes:

“[...] Só falta agora falar do caminho  
que é. Sobre esse são muitos os sinais  
de que o ser é ingénito e indestrutível,  
pois é compacto, inabalável e sem fim;  
não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo,  
uno, contínuo. [...]  
Nem é divisível, visto ser todo homogêneo,  
nem num lado é mais, que o impeça de ser contínuo,

nem noutra menos, mas é todo cheio do que é  
e por isso todo contínuo, pois o que é é com o que é.  
Além disso, é imóvel nas cadeias dos potentes laços,  
sem princípio nem fim, pois gênese e destruição  
foram afastadas para longe, repelidas pela confiança verdadeira.  
[...] O mesmo é o que há para pensar e aquilo por causa de que  
há  
pensamento.” (PARMÊNIDES, 2002: s/r.).

Enfim, de acordo com a hipótese de João Barrento, de que os gestos de recuperação e apreensão dos diversos sentidos do tempo já estavam presentes desde o início no trabalho de Llansol, apenas em maior ou menor grau de manifestação, em texto de 1976, por exemplo, embora de modo menos explícito do que aparece em *Inquérito às Quatro Confidências* e em livros posteriores a este, já observamos percepções do tempo do “Há”; como a que transcrevo a seguir, a fim de interromper o sem fim desta conversa: Tudo o que sinto, em minha volta, se torna sinônimo de ser vivo. Em toda a forma há vida e movimento, compreensão e projeto, percepção e sensibilidade (LLANSOL, 2011b, p. 110).

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Qualquer. In: *A comunidade que vem*. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- ANTELO, Raúl. Genealogia do vazio. In: *Transgressão e Modernidade*. Ponta Grossa, Ed.UEPG, 2001.
- \_\_\_\_\_. Sentido, paisagem, espaçamento. In: *Ausências*. Florianópolis: Editora da Casa, 2009.
- BARRENTO, João. O texto dos tempos. In: FENATI, Maria Carolina (org.). *A partilha do incomum: leituras de Maria Gabriela Llansol*. Florianópolis: UFSC, 2014.
- BARTHES, Roland. Escritores e Escreventes. In: *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Canteiro de obras. In: *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades: Geografia de rebeldes I*. Porto: Afrontamento, 1977.
- \_\_\_\_\_. *A restante vida – Geografia de rebeldes II*. Porto: Afrontamentos, 1982.

- \_\_\_\_\_. *Causa Amante*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Onde vais, drama-poesia?* Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Um arco singular: Livro de horas II (Jodoigne, 1977-1978)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Entrevistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *Finita: Diário II*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.
- \_\_\_\_\_. *Inquérito às Quatro Confidências: Diário III*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011c.
- \_\_\_\_\_. *Um falcão no punho: Diário I*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011d.
- \_\_\_\_\_. *Um beijo dado mais tarde*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O livro das comunidades*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.
- PARMÊNIDES. *Da Natureza*. Trad. José Gabriel Trindade dos Santos. 1ªed. São Paulo: Loyola, 2002. Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/Da-Natureza-Parme%CC%82nides.pdf> Acessado em: 27/08/2018.
- ROSA, Jorge Leandro. “Modernidade, a-Teologia – uma leitura de Geografia de Rebeldes de Maria Gabriela Llansol”. s/r.